

Apresentamos ao público brasileiro, com muita satisfação, este primeiro volume dos *Clássicos da Língua Italiana*, com textos inéditos traduzidos para o português. Os autores italianos escolhidos e apresentados nesta edição escreveram e refletiram sobre a língua italiana desde o surgimento do vulgar, no século XIV, e participaram da conseqüente polêmica acerca da contraposição entre o latim e os vulgares para uma definição de qual seria a língua única da Itália.

Este volume apresenta exatamente uma seleção de textos de autores, que, além de serem expoentes de referência da literatura italiana, participaram ativamente da discussão que surgiu entre o século XIV e o século XVI, denominada de *Questione della lingua*. Tal discussão se envolveu numa disputa acirrada, testemunhada por inumeráveis textos, dos principais intelectuais italianos, de Dante Alighieri até Antonio Gramsci, Italo Calvino e Pier Paolo Pasolini, no século XX, passando por Alessandro Manzoni, Giacomo Leopardi, etc.

Sergio Romanelli
Organizador

ANTOLOGIA BILÍNGUE

Clássicos da Língua Italiana

Volume 1

Questione della Lingua:
Leon Battista Alberti,
Baldassar Castiglione e
Nicolau Maquiavel

PGET/UFSC
Florianópolis, 2012

GRÁFICA
Copiar
EDITORA

Tubarão, 2012

Nicolau Maquiavel



Questo mio volgare fu congiugnitore de li miei generanti, che con esso parlavano, sì come 'l fuoco è disponente del ferro al fabbro che fa lo coltello; per che manifesto è lui essere concorso a la mia generazione, e così essere alcuna cagione del mio essere.

(Dante, Convívio, I, xiii, 4)

Aos meus pais, que me ensinaram o amor por minha língua.

Introdução

Fora do âmbito dos especialistas poucos sabem que Nicolau Maquiavel (Florença, 1469-1527), internacionalmente conhecido pelo tratado *O Príncipe* (1513), escreveu também uma pequena obra sobre a questão da língua na Itália contemporânea. Trata-se de um breve texto em que o autor, apresentando as razões da superioridade da língua de Florença com relação aos outros vulgares italianos, demonstra argutamente a origem florentina da língua literária italiana, razão pela qual a língua comum da Itália deveria ser chamada de florentina. O *Diálogo* oferece ao leitor, exposto com uma língua “vivaz e brilhante”³¹ e com uma acuidade de raciocínio “incomum nos outros linguistas”,³² um recorte preciso e sutil das principais tendências artísticas e literárias da Florença da época. E o ponto de vista do autor sobre alguns pontos cruciais a respeito de uma contenda já tão desgastada é tão novo e original que revitaliza os termos da questão.

A obra ficou desconhecida até 1730, quando foi encontrada, *adésota* e provavelmente anepígrafa, em um apógrafo de Giuliano d’Ricci conservado na Biblioteca Barberiniana de Roma; o descobridor, o erudito monsenhor Giovanni Bottari, publicou-a (sem a indicação do autor) como apêndice a *L’Ercolano* de Benedetto Varchi. Embora tenha havido controvérsias acerca da paternidade de sua autoria, desde o começo a opinião geral é a de que fosse do próprio Maquiavel, devido principalmente ao típico procedimento dilemático da argumentação e à originalidade e à força conceitual de seu raciocínio, à comprovada presença da

³¹ Todas as traduções das citações do italiano são de minha autoria. “Vivace e brillante”; Claudio Marazzini, “Le teorie”; in *Storia della lingua italiana. Volume primo. I luoghi della codificazione* (a cura di Luca Serianni e Pietro Trifone), Torino: Einaudi, 1993, p. 256.

³² “Non comune agli altri linguai”; Bortolo Tommaso Sozzi, *Discorso o dialogo intorno alla nostra lingua*. Torino: Einaudi, 1976, p. XLV, citando Ridolfi.

terminologia, da sintaxe e da fraseologia maquiaveliana (essa última, como nas outras obras do autor, apelando para as marcas da língua que se devia falar na Florença contemporânea), ao “excepcional vigor expressivo”³³ de sua língua.

A princípio, o texto teria sido escrito entre 1508-1509 (data da primeira representação em Ferrara da comédia de Ludovico Ariosto, *I Suppositi*, citada no *Diálogo*) e 1527, ano da morte do autor. O período mais provável é entre 1514 e 1516, pois seriam estes os anos em que vinha se realizando uma ligação mais estrita “[...] entre aquela escritura e o desenvolver-se do pensamento político de Maquiavel, no começo de uma nova fase de sua atividade de cidadão e de escritor”.³⁴

O texto, essencialmente argumentativo, contém um longo enxerto em forma de diálogo entre o próprio autor e nada mais nada menos que Dante Alighieri. De fato, a obra ficou indiferentemente conhecida como *Diálogo* ou *Discurso*, dependendo do gênero literário com o qual cada estudioso a quis associar. Para a tradução em português, preferimos o termo *Diálogo*, por ele remeter ao modelo privilegiado pelos humanistas para a troca de opiniões e de experiências concretas, a conversação entre pares, como fundamento da vida civil da Renascença. E, também, para fazer jus às próprias palavras do autor, que na maravilhosa carta a Francesco Vettori, de 10 de dezembro de 1513, diz não se envergonhar, uma vez trocados os andrajos enlameados e sujos de barro com que atende aos afazeres do campo por “roupas régias e curiais”, em “[...] falar com eles [os grandes homens da antiguidade] e inquiri-los sobre a razão de seus atos”.³⁵

³³ “Eccezionale vigore espressivo”; Sozzi, op. cit., p. XXVIII.

³⁴ “Tra quella scrittura e lo svolgimento del pensiero politico di Machiavelli, all’inizio di una nuova fase della sua attività di cittadino e di scrittore”; Sozzi, op. cit., p. XXXVI-XXXVII, citando Hans Baron.

³⁵ Reproduzimos o trecho integralmente: “Venuta la sera, mi ritorno a casa ed entro nel mio scrittoio; e in sull’uscio mi spoglio quella veste cotidiana, piena di fango e di loto, e mi metto panni reali e curiali; e rivestito condecientemente, entro nelle antiche corti delli antiqui huomini, dove, da loro ricevuto amorevolmente, mi pasco di quel cibo che solum è mio e ch’io nacqui per lui; dove io non mi vergogno parlare con loro

Por que não teria ele então se entretido também com Dante? Como ficará claro lendo o texto, Maquiavel não parece minimamente intimidado em discutir em pé de igualdade com seu ilustre patricio, em um diálogo rápido e veemente, rico de efeitos teatrais e, às vezes, francamente cômico. Aliás, ele sequer receia encurrular Dante colocando-o contra a parede, apontando com lucidez para a contradição entre o posicionamento teoricamente desfavorável do poeta em relação à língua florentina,³⁶ e sua prática poética, sobretudo aquela da *Comédia*, fundamentalmente baseada no uso do florentino; para enfim obrigá-lo a admitir o próprio erro (veja-se, em particular, a parte final do diálogo com Dante). Pois, como notaremos mais adiante, era justamente a opinião desfavorável de Dante sobre o vulgar de Florença a alimentar, naquele começo de século, a polêmica sobre a língua que dividia os intelectuais italianos em facções ferozmente contrárias entre si.

De fato, no começo do século XVI, a Itália inteira fervilhava em acaloradas discussões linguísticas, intimamente ligadas ao contexto contemporâneo e não desprovidas de implicações políticas,³⁷ que vieram a ser conhecidas pelo nome de *Questione della lingua*.³⁸ Em particular, discutia-se sobre “[...] a própria maneira de se conceber a língua, como bem comum ou como

e domandarli della ragione delle loro azioni; e quelli per loro humanità mi rispondono; e non sento per quattro hore di tempo alcuna noia, sdimentico ogni affanno, non temo la povertà, non mi sbigottisce la morte: tutto mi trasferisco in loro”. Trata-se da carta na qual Maquiavel, afastado da política ativa de Florença depois da volta ao poder dos Médici (1512) e exilado em seu sítio do Albergaccio a cuidar das coisas do campo, anuncia ao amigo Vettori a composição de *O Príncipe*.

³⁶ Porém, Maquiavel se engana ao atribuir as críticas de Dante à língua florentina unicamente a motivos psicológicos e pessoais (a ‘vingança’ contra Florença, que o tinha exilado), desconsiderando as razões estilísticas e retóricas da lúcida análise teórico-linguística do poeta.

³⁷ Para o entrelaçamento entre a situação histórica e a questão linguística da Itália da época, sobre o contraste entre uma sociedade aristocrática e conservadora e uma sociedade popular dinâmica e aberta às novidades, vejam-se em particular os estudos de Eugenio Garin.

³⁸ O texto síntese do conjunto das teorias e polêmicas linguísticas italianas das origens ao século XIX é considerado *La Questione della lingua*, de Maurizio Vitale, Palermo, Palumbo, 1960.

patrimônio regional [...]”³⁹ – debate este cuja direta consequência consistia na definição do nome a ser atribuído a essa língua. Duas eram as teorias principais. A primeira, que podemos chamar de “florentinista”, reiterava a superioridade do florentino por razões “naturais”⁴⁰ e socioculturais⁴¹, as quais teriam ocasionado a sua superioridade histórica e literária (antes de mais nada, graças à obra de Dante, Petrarca e Boccaccio; mas, também, graças à de muitos outros escritores: os cronistas e os mercadores dos séculos XIII e XIV, os poetas do *Stil Novo*; os autores do século XV, tanto os classicistas – Alberti, Landino, Poliziano, Lourenço o Magnífico –, quanto os mais populares Burchiello e Pulci, a quem Maquiavel cita no *Diálogo*; etc.) e à “florentinização” precoce de toda a língua italiana. A segunda teoria, dita “ecclética”, ou “cortesã”, que considerava a língua itálica existente na Itália do século XVI não (mais) especialmente florentina, pois em sua prática literária e em seu uso social (nas cortes) teria sido superada e enriquecida por formas mais nobres e elegantes, graças à contribuição dos vários vulgares da Itália, depurados de seus traços idiomáticos mais crus.⁴² As duas correntes propunham então duas denominações diferentes do idioma de toda a península: a

³⁹ “*Il modo stesso di concepire la lingua, come bene comune o come patrimonio regionale*”; Claudio Marazzini, *Da Dante alla lingua selvaggia*, Roma, Carocci, 1999, p. 54.

⁴⁰ Não cabe aqui debater as razões, históricas, linguísticas ou culturais sobre as quais se baseava essa pretensa superioridade “genética” do florentino. Limitemo-nos a dizer que alguns estudiosos achavam que a Toscana, por ser a região da Itália há mais tempo ocupada pelos Romanos, teria recebido antes e mais profundamente a influência normatizadora da Língua Latina.

⁴¹ Conforme as *Novas Crônicas* de Giovanni Villani (Florença, 1276-1348), já no século XIV a Comuna de Florença patrocinava políticas educacionais e de difusão cultural muito avançadas, encorajando a criação de escolas de ábaco e de algarismo em que, pela primeira vez na Europa, se ensinava a ler e a escrever diretamente em vulgar, sem a mediação do latim; o que teria levado à alfabetização em massa de muitas classes sociais da cidade, mesmo as populares, refinando-se a língua e favorecendo o florescimento literário.

⁴² Na verdade, não é este o lugar para reproduzir a definição das várias posições, às vezes bastante diferenciadas entre si, que podemos reunir sob a égide da teoria cortesã. De qualquer forma, o denominador comum a todas era a oposição ao florentinismo e ao toscanismo.

primeira, *florentino*, ou *toscano*; a segunda, *italiano*, ou *língua comum*, ou *língua cortesã*.⁴³

Como sabemos, a complicada *Questione della lingua* começou a ser equacionada quando o veneziano Pietro Bembo publicou, em 1525, as *Prose della volgar lingua*, propondo uma solução fundamentalmente de tipo estético-estilístico. De fato, Bembo propôs tomar como ponto de partida a tradição literária toscana do século XIV, e, seguindo o exemplo do latim de época clássica, assumir como canônicos dois autores: Petrarca, pela poesia; Boccaccio, pela prosa (Dante era descartado, por ter usado uma língua considerada “bárbara” demais). Isso, segundo Bembo, permitiria alcançar a sonhada homogeneização e estabilização da língua italiana. A proposta bembiana acabou prevalecendo, principalmente por razões práticas (a facilidade da divulgação via imprensa do cânon escolhido, por conta da grande notoriedade e difusão em toda a Itália das obras dos clássicos toscanos) e políticas (o fim da liberdade italiana e o clima de ‘normalização’ política e cultural já dominante).

A primeira vista, a proposta bembiana pode parecer em sintonia com a tese florentinista – e, portanto, com Maquiavel. Porém, devido ao reconhecimento da superioridade da língua de Florença, não devemos nos enganar quanto às profundas, irredutíveis diferenças entre as duas: sobretudo, porque para Bembo, diversamente de Maquiavel, o critério decisivo para a assunção de um modelo linguístico válido para toda a Itália era o da “literariedade” (ou seja, da “arte”), e não o da “naturalidade”.⁴⁴ A proposta florentino-arcaica de Bembo, que privilegiava sim a língua florentina, mas também a literária de dois séculos antes, estava completamente na contramão da tese florentinista, a qual, dando continuidade ao projeto de hegemonia política de Florença sonhado por Lourenço, o Magnífico,

⁴³ Há, no debate linguístico renascentista, algumas diferenças entre os apoiadores do florentino e os do toscano, que não cabe aqui ressaltar. Porém, Maquiavel, quando fala de língua toscana, entende fundamentalmente o florentino.

⁴⁴ A oposição “arte/natureza”, com a declarada preeminência da natureza, é recorrente nos escritos de Maquiavel.

no século XV, almejava a expansão do florentino “contemporâneo” a língua comum italiana. Pois o gesto de abrir mão da possibilidade da adoção, por parte dos italianos, de uma língua viva, concreta e comprometida com sua contemporaneidade (como ainda tentava ser a Florentina do século XVI), parece simbolizar a renúncia dos italianos à reivindicação de sua autodeterminação política e cultural, em um momento histórico tão complexo e difícil, que prenunciava de fato o fim da liberdade italiana (o saque de Roma é de 1527; o cerco de Florença, de 1530).

Mas, por volta dos primeiros 15 ou 20 anos do século XVI, as disputas são ainda bem vivas e acirradas. E, Maquiavel, em particular, não renuncia a exercer sua própria autodeterminação política e cultural ao escrever o *Diálogo*, quase em forma de panfleto, para rebater as razões da facção linguística oposta, fortalecida na época graças à circulação nos ambientes intelectuais do tratado dantesco *De Vulgari Eloquentia*.

O tratado, escrito em latim, tinha sido descoberto pelo humanista vêneto Gian Giorgio Trissino, que o tinha traduzido em italiano justamente para dar peso à tese antiflorentinista. A obra, de fato, embora escrita por um florentino⁴⁵ – aliás, pelo maior autor florentino – parecia constituir-se numa importante aliada contra a tese florentinista; ainda que a interpretação trissiniana do tratado fosse na verdade frágil, pois Trissino tinha se equivocado em considerá-lo a “chave” de leitura da *Comédia*. E isso não escapa a Maquiavel, que demonstra, falando com Dante no *Diálogo*, não ser a “curial”, mas francamente a florentina, a língua da obra-prima dantesca.

Pois Dante, no *De Vulgari Eloquentia*, tratando da questão de uma língua italiana unitária, tinha realizado uma classificação dos vários vulgares da Itália, com o intuito de verificar qual deles oferecia as melhores condições para se candidatar a “vulgar

⁴⁵ Na verdade, alguns puseram em dúvida, durante certo tempo, a autoria dantesca do tratado, pois Trissino não divulgou o texto original, mas somente a versão em vulgar feita por ele. Não Maquiavel, de toda forma, como bem entendemos lendo o *Diálogo*.

ilustre” italiano: uma língua vulgar de valor unitário para toda a Itália, desenvolvida naturalmente pelo povo como instrumento de comunicação, mas refinada pelo uso literário. Nessa análise, criticara o florentino, chamando-o de “turpilóquio” pelo seu pouco refinamento, descartando-o da disputa e preterindo-lhe outros vulgares. Graças a essa obra, os adversários de Florença podiam afirmar que o próprio Dante, florentino, tinha sido contrário à tese da superioridade de sua própria língua, afirmando a necessidade de ser a língua comum italiana “curial”, ou seja, ligada a uma corte linguisticamente representativa de toda a Itália. Trissino apresentara o livro nas reuniões dos Orti Oricellari (os jardins da família florentina Rucellai), nas quais jovens aristocráticos de simpatias antimédiceas se encontravam para estudar a história da Roma republicana e debater a historiografia latina. Maquiavel frequentava essas reuniões, representando, na qualidade de ex-secretário da segunda chancelaria da República Florentina (1498-1512), uma espécie de eminência parda para os jovens rebeldes.

O *Diálogo*, portanto, deve ser visto como uma firme tomada de posição, um assumido ato de engajamento em favor e em defesa de Florença por parte de Maquiavel, que o usa para responder polemicamente a Trissino (citado de forma alusiva no final da obra) e aos outros partidários da teoria cortesã (Pierio Valeriano, Mario Equicola, o Calmeta, Baldassare Castiglione, etc). Isso explica a energia do raciocínio e do estilo, profundamente interligados, da obra, a paixão abraçada pelo autor em sua composição. Dessa forma, Maquiavel também dá sua preciosa contribuição ao debate sobre a questão da língua na Itália, embora o *Diálogo* não tenha exercido uma influência histórica à altura, pois, antes de sua publicação, circulou apenas clandestinamente nos ambientes literários. Provavelmente, além de ser malvisto pelos partidários da tese cortesã, não deve ter gozado sequer da simpatia dos próprios florentinos, por conta do ataque a Dante; embora mais tarde vários fautores da tese florentinista (Martelli, Tolomei, Gelli, Lenzoni, Varchi, Salviati) tenham recorrido a partes do *Diálogo* para sufragar suas argumentações linguísticas. No século XIX, ele é ignorado por

Leopardi e Foscolo em seus escritos sobre a língua; porém, é citado por Manzoni pela sua posição contra os preconceitos da cultura dos doutos, em favor da língua viva e falada, e por suas críticas ao Ariosto comediógrafo.

Em geral, pelo que diz respeito mais particularmente à análise linguística desenvolvida por Maquiavel no *Diálogo*, a admiração dos estudiosos a partir do século XIX só aumentou,⁴⁶ e o texto é citado também nos escritos sobre a questão da língua de autores estrangeiros.⁴⁷ Considera-se que, com essa obra, Maquiavel, a partir de um conceito de unidade linguística específica – a sua própria, a florentina –, estaria plenamente inserido na mesma linha de raciocínio em favor da regularidade da língua, que do autor das *Regole Vaticane*,⁴⁸ passando por Leonardo, Pulci, Fortunio, Bembo, Liburnio, leva até Manzoni. No século XVI, seria no *Diálogo*, e não nas *Regole* de Giovanni Francesco Fortunio, escritas em 1516, que se encontraria pela primeira vez um esboço de estudo gramatical da língua italiana. E Maquiavel é considerado um precursor justamente de Manzoni, por conta da sua defesa da língua viva e contemporânea, contra a preferência bembesca pelo florentino arcaico.

Mas quais são os principais pontos debatidos no *Diálogo*? Podemos reconhecer em particular os seguintes:⁴⁹

- a noção da distinção entre a língua falada e a língua literária, com preferência pelo naturalismo

⁴⁶ Em particular, Pasquale Villari considera Maquiavel um predecessor de Friedrich Schlegel, fundador da filologia comparada. Entre os estudiosos que apreciaram as qualidades estilísticas e de raciocínio linguístico do Maquiavel autor do *Diálogo*, citamos, entre outros, Francesco De Sanctis, Ruggero Bonghi, Pio Rajna, Luigi Morandi, Ciro Trabalza, Vincenzo Vivaldi, Roberto Ridolfi, Hans Baron, Guido Mazzoni, Bortolo Tommaso Sozzi.

⁴⁷ Ver o texto de Thérèse Labandé Jeanroy, *La Question de la langue en Italie*, Publications de la Faculté des Lettres de l'Université de Strasbourg, Strasbourg, 1925.

⁴⁸ Escritas por volta de 1450 são atribuídas ao humanista Leon Battista Alberti (1404-1472).

⁴⁹ Para uma análise mais detalhada, remetemos à *Introdução* da edição crítica de Bortolo Tommaso Sozzi, em particular, às páginas XXXIX e XL.

linguístico (e, portanto, em favor da superioridade do florentino, língua “natural”, criação comum e espontânea do povo de Florença e da Toscana, contra a artificialidade da língua cortesã);

- a afirmação que, graças à praxe das florentinas “três coroas” de Florença (Dante, Petrarca, Boccaccio) a língua teria passado ao resto da Itália, “educando” linguisticamente e refinando os escritores não florentinos;
- a crítica ao excesso de abstração da língua cortesã e à heterogeneidade da corte romana;
- o princípio da expansibilidade do tosco-florentino a toda a Itália (em consonância com o projeto mediceo do século XV, de impor a hegemonia de Florença a partir da língua e da cultura);
- interessantes observações sobre a capacidade assimiladora das línguas (como a afirmação que a introdução em uma determinada língua de vocábulos estrangeiros, mesmo de muitos, não prejudica a persistência do caráter indígena e autêntico daquela língua; a qual, ao contrário, tem força para torná-los semelhantes a si, integrando-os estavelmente no seu patrimônio linguístico);
- o reconhecimento do caráter estruturante e identificador, para uma língua, da sintaxe;
- a importância atribuída à fonética (atenção à pronúncia e aos acentos);
- a firme rejeição do antiflorentinismo linguístico de Dante (considerado o autor do *De Vulgari Eloquentia*);
- a censura de certos termos usados por Dante;
- a demonstração da fundamental “florentinidade” linguística da *Divina Comédia*, apesar da hostilidade de seu autor contra Florença.

O texto em que nos apoiamos para nossa tradução é a edição crítica do *Discorso o dialogo intorno alla nostra lingua*, de Bortolo Tommaso Sozzi, editada em 1976 pela Einaudi, incluindo também as citações reproduzidas da *Divina Comédia* (nem sempre perfeitamente correspondentes ao texto dantesco e provavelmente citadas à memória por Maquiavel).

Quanto à nossa versão em português, optamos por privilegiar o mesmo recorte e estilo linguístico do autor, o do imediatismo e da clareza comunicativa, reproduzindo o tom médio e aderente à língua (bem) falada e coloquial que já era do próprio Maquiavel, mesclado à medida clássica do latim, evitando ao máximo os aulicismos do português arcaico. De maneira que, mantendo-se as características originais do texto, a compreensão do público brasileiro do século XXI não ficasse prejudicada. Em particular, tentamos oferecer uma correspondência adequada em português para certos termos “técnicos” (*curiale, volgare illustre, proprio, comune, cortigiana*, etc.) que definem historicamente a *Questione della lingua* na Itália, tendo entrado de modo estável na tradição do debate linguístico italiano.

As citações da *Divina Comédia*, assim como as de palavras ou de expressões do florentino da época, foram mantidas em italiano, para efeitos de clareza e para preservar o intuito do autor de usá-las como comprovação de seu raciocínio (mas com a tradução em nota; em particular, as citações da *Divina Comédia* foram extraídas da versão em português de José Pedro Xavier Pinheiro, editada em São Paulo em 2006 pela Martin Claret).

Esperamos, com isso, ter oferecido nossa pessoal contribuição para maior e melhor difusão, no Brasil, da complexa e fascinante história da língua italiana.

Professora Cecilia Casini (USP).

Discurso O Dialogo Intorno Alla Nostra Lingua

Sempre che io ho potuto onorare la patria mia¹¹² eziandio con mio carico¹¹³ e pericolo l'ho fatto volentieri, perché l'uomo non ha maggiore obbligo nella vita sua che con quella, dependendo prima da essa l'essere e di poi tutto quello che di buono la fortuna e la natura ci hanno concesso; e tanto viene ad essere maggiore in coloro che hanno sortito patria piú nobile. E veramente colui il quale con l'animo e con l'opera si fa inimico della sua patria meritamente si può chiamare parricida, ancora che da quella fosse suto¹¹⁴ offeso. Perché se battere il padre e la madre, per qualunque cagione, è cosa nefanda, di necessità ne segue il lacerare¹¹⁵ la patria essere cosa nefandissima, perché da lei mai si patisce alcuna persecuzione per la quale possa meritare¹¹⁶ di essere da te ingiuriata, avendo a riconoscere¹¹⁷ da quella ogni tuo bene; tal che se ella si priva di parte de' suoi cittadini¹¹⁸ sei piú tosto obbligato ringraziarla di quelli che la si lascia¹¹⁹ che infamarla di quelli che la si toglie. E quando questo sia vero, che è verissimo, io non dubito mai di ingannarmi per difenderla¹²⁰ e

¹¹² *la patria mia*: si noti la sollecitudine politica portata dal Machiavelli pur nella disputa linguistica. Queste dichiarazioni proemiali si appuntano, come a loro meta e bersaglio, alla polemica contro Dante che eromperà nella parte centrale della trattazione, là dove il «discurso» si farà addirittura, nella drammatica concitazione del pensiero, «dialogo».

¹¹³ *carico*: peso, sacrificio.

¹¹⁴ *suto*: stato.

¹¹⁵ *lacerare*: strapazzare, col dirne male.

¹¹⁶ *possa meritare*: sogg. sottint. *la patria*.

¹¹⁷ *avendo a riconoscere*: dovendo tu riconoscere.

¹¹⁸ *si priva ... cittadini*: esiliandoli.

¹¹⁹ *si lascia*: si serba nel suo seno.

¹²⁰ *io non dubito ... per difenderla*: sono sicuro di non ingannarmi per il fatto di difen-

Diálogo sobre a nossa Língua

Todas as vezes que eu pude honrar a minha pátria, até mesmo com perigo ou com meu sacrifício pessoal, sempre o fiz com prazer; pois não existe maior obrigação na vida de um homem do que com sua pátria, dela dependendo, primeiramente, sua própria existência, e, em segundo lugar, tudo de bom que a natureza e a fortuna lhe concederam; e tanto maior será essa obrigação para aqueles que tiveram por sorte uma pátria mais nobre. E, na verdade, aquele que, dentro de sua alma e com sua obra, torna-se inimigo de sua própria pátria, pode merecidamente ser chamado de parricida, mesmo que tenha sido ofendido por ela. Pois, se bater em seu pai e em sua mãe, qualquer que seja a razão, é ato execrável, é com certeza muito mais execrável mortificar a pátria, pois dela não se sofre nunca perseguição alguma pela qual ela mereça ser injuriada, e é justo reconhecer que dela nos advém todo tipo de bem; de forma que, se ela se priva de alguns de seus cidadãos, dever-se-á antes agradecer-lhe pelos que deixou, ao invés de desonrá-la pelos que ela excluiu: E sendo isso absolutamente verdade, eu tenho total certeza de não errar em defendê-la, atacando aqueles que com demasiada presunção buscam privá-la de sua honra.

A razão pela qual entabulei essa argumentação é a discussão surgida várias vezes nos dias passados, se a língua em que escreveram os nossos poetas e prosadores é a florentina, a toscana ou a italiana. No decorrer da discussão, eu julguei haver alguns, menos desonestos, que querem que ela seja toscana; alguns outros, desonestíssimos, que a chamam de italiana; e outros ainda, que acham que ela deve ser chamada absolutamente de florentina; e cada parte tem se esforçado tanto para defender sua opinião, que a discussão nada esclareceu. Portanto, achei justo, neste meu

venire contro a quelli che troppo presuntuosamente cercano di privarla dell'onor suo.

La cagione perché io abbia mosso questo ragionamento è la disputa nata più volte ne' passati giorni¹²¹ se la lingua nella quale hanno scritto i nostri poeti e oratori¹²² fiorentini è fiorentina, toscana o italiana. Nella qual disputa ho considerato come alcuni meno inonesti vogliono che la sia toscana, alcuni altri inonestissimi la chiamano italiana, e alcuni tengono¹²³ che la si debba chiamare al tutto fiorentina, e ciascuno di essi si è sforzato di difendere la parte sua¹²⁴ in forma¹²⁵ che, restando la lite indecisa, mi è parso¹²⁶ in questo mio vendemmial negozio¹²⁷ scrivervi¹²⁸ largamente quello che io ne senta¹²⁹, per terminare la quistione o per dare a ciascuno materia di maggior contesa¹³⁰.

A volere vedere addunque con che lingua hanno scritto gli scrittori in questa moderna lingua celebrati¹³¹, delli quali tengono senza alcuna discrepanza¹³² d'alcuno il primo luogo Dante, il Petrarca e il Boccaccio, è necessario metterli da una parte, e dall'altra tutta Italia, alla qual provincia¹³³ per amore circa la lingua di questi

derla.

¹²¹ *ne' passati giorni*: probabile allusione alle discussões linguistiche tenutesi negli Orti Oricellari, cioè nel dotto circolo di Palazzo Rucellai.

¹²² *oratori*: qui per prosatori in genere.

¹²³ *tengono*: ritengono.

¹²⁴ *la parte sua*: la propria fazione, la propria tesi.

¹²⁵ *in forma*: in modo tale.

¹²⁶ *mi è parso*: mi è parso opportuno.

¹²⁷ *vendemmial negozio*: mentre mi trovo in campagna per la vendemmia.

¹²⁸ *scrivervi*: scrivere sull'argomento.

¹²⁹ *quello che io ne senta*: il mio parere (latinismo).

¹³⁰ *per ... contesa*: il Machiavelli col solito suo senso realistico si rende conto que o seu intervento potrà piú facilmente dare nuovo fomento alla disputa, que resolverla.

¹³¹ *in questa moderna lingua celebrati*: piú reputati tra quanti hanno scritto nella lingua volgare d'Italia.

¹³² *discrepanza*: contraste.

¹³³ *provincia*: l'Italia.

trabalho vindimal,⁵⁰ escrever tudo aquilo que eu penso a respeito, de maneira a encerrar a questão de vez, ou então a oferecer a todos ainda mais material para continuar discutindo.

Querendo ver então de qual língua ter-se-iam utilizado os escritores mais célebres dessa moderna língua – e todo mundo concorda em dizer que os primeiros dentre eles são Dante, Petrarca e Boccaccio – faz-se necessário colocar aqueles em um lugar a parte, e em outro os restantes da Itália; da qual, aliás, parece que todo outro lugar reconhece a superioridade, graças à admiração tributada a estes três, sendo nesse caso Espanha, França e Alemanha menos pretensiosas que a Lombardia.⁵¹ Feito isso, é preciso levar em conta todas as partes da Itália, e verificando a diferença de suas falas, considerar superiores as regiões que seguem o modelo desses escritores, tendo elas mais prestígio por utilizarem aquela língua, a florentina; e, para sermos mais precisos, é necessário ter uma visão geral de toda a Itália, e identificar exatamente todas suas cidades e vilas. Mas querendo escapar da confusão, dividiremos a Itália somente em suas províncias, como a Lombardia, a Romanha, a Toscana, a região de Roma e o Reino de Nápoles.

E, ao examinarmos bem cada uma dessas províncias, dar-nos-emos realmente conta das grandes diferenças que existem em suas falas; querendo ver qual é a razão disso, é preciso avaliar antes algumas das causas responsáveis pela semelhança que existe entre elas, o que leva os escritores hodiernos a afirmar que aqueles que escreveram no passado tinham falado nesta língua comum italiana; e sendo por isso que, no meio de tantas diferenças, nós nos entendemos.

Querem alguns que as línguas se distingam pela partícula afirmativa – que os italianos exprimem com *si*⁵² – e que uma

⁵⁰ [N. d. T.] Alusão à época do ano em que o autor compôs a obra, o outono, estação em que se realiza a vindima.

⁵¹ A Lombardia indica por extensão toda e Itália setentrional.

⁵² *Sim*.

tre¹³⁴ pare che qualunque altro luogo ceda, perché la spagnuola¹³⁵ e la franzese e la tedesca è meno in questo caso presuntuosa che la lombarda¹³⁶. È necessario, fatto questo, considerare tutti li luoghi di Italia e vedere la differenza del parlar loro, e a quelli¹³⁷ dare piú favore che a questi scrittori si confanno, e concedere loro piú grado¹³⁸ e piú parte in quella lingua e, se voi volete, bene distinguere tutta Italia e quante castella¹³⁹ non che città sono in essa. Però volendo fuggire questa confusione¹⁴⁰ divideremo quella solamente nelle sue Provincie¹⁴¹, come Lombardia, Romagna, Toscana, Terra di Roma e Regno di Napoli.

E veramente se ciascuna di dette parti saranno bene esaminate¹⁴², si vedrà nel parlare¹⁴³ di esse grandi differenze; ma a volere conoscere donde proceda questo è prima necessario vedere qualche ragione di quelle che¹⁴⁴ fanno che infra loro sia tanta similitudine, che questi che oggi scrivono vogliono che quelli che hanno scritto per lo addietro abbino parlato in questa lingua comune italiana¹⁴⁵; e quale ragione fa che in tanta diversità di lingua noi ci intendiamo.

Vogliono alcuni che a ciascuna lingua dia termine la particula affermativa, la quale appresso alli Italiani con questa dizione *si* è significata, e che per tutta quella provincia *si* intendá il medesimo parlare dove con un medesimo vocabolo parlando *si* afferma; e

¹³⁴ *per amore ... di questi tre*: per ammirazione linguística verso questi tre.

¹³⁵ *la spagnuola*: sottint. *provincia*.

¹³⁶ *la lombarda* (sottint. *provincia*): l'Alta Italia.

¹³⁷ *quelli*: luoghi e parlari.

¹³⁸ *concedere ... grado*: dare piú alto riconoscimento.

¹³⁹ *castella*: abitazioni del contado.

¹⁴⁰ *questa confusione*: di una ripartizione troppo minuziosa.

¹⁴¹ *Provincie*: regioni.

¹⁴² *ciascuna... bene esaminate*: concordanza «a senso».

¹⁴³ *nel parlare*: nelle parlate.

¹⁴⁴ *qualche ... che*: qualcuna di quelle ragioni che.

¹⁴⁵ *lingua comune italiana*: è la tesi dei settentrionali in genere, del Trissino in ispecie.

província em que haja a mesma palavra como afirmação, fale toda ela a mesma língua; e alegam a autoridade de Dante, que, quando quis indicar a Itália, nomeou-a com essa partícula *si*, ao dizer:

Ah! Pisa opróbrío aos povos, residentes
Na bela terra onde o *si* ressona!⁵³

Isto é, da Itália. Os mesmos alegam ainda o exemplo da França, em que todo o país se chama França, mas que também é dita terra da língua d'*oil* e d'*oc*, o que para os Franceses exprime a mesma coisa que *si* para os Italianos. Apresentam ainda como exemplo a língua alemã, que geralmente diz *ja*; e a inglesa, que geralmente diz *yes*. E impelidos talvez por esse raciocínio, muitos querem que qualquer escrevente ou falante na Itália, escreva e fale em uma única língua.

Alguns outros acham não ser esta partícula, *si*, aquela que regula a língua, pois se assim fosse também os Sicilianos e os Espanhóis seriam, no que diz respeito à fala, Italianos. Portanto, é necessário que a língua seja regulada de outra forma; e dizem também que, consideradas com atenção as oitos partes da oração em que cada fala se divide, ver-se-á que aquela que se chama verbo é a cadeia e o nervo da língua, e que a falta de grandes variações nessa parte, conquanto haja muitas variações nas outras, faria com que sempre exista uma inteligibilidade comum entre as línguas. Pois é o verbo, e a maneira em que o verbo é colocado entre os nomes, que nos faz entender aqueles nomes que nos parecem desconhecidos; assim, ao contrário, uma determinada língua torna-se outra, quando os verbos são diferentes, embora os termos possam ser parecidos. E como exemplo podemos tomar a Itália, que difere minimamente nos verbos, mas muitíssimo nos termos, pois cada italiano diz *amare*,

⁵³ “*Abi Pisa vituperio delle genti/ Del bel paese là dove il si suona*”; (Alighieri, Dante. *Divina Comédia*; Inferno, XXXIII, terceto 27, página 255. Tradução e notas de José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006).

allegano l'autorità di Dante, il quale, volendo significare Italia, la nominò sotto questa particula *si* quando disse:

Abi Pisa vituperio delle genti del bel paese là dove il si suona,¹⁴⁶ cioè d'Italia. Allegano ancora l'esempio di Francia, dove tutto il paese si chiama Francia ed è detto ancora lingua d'*ui*¹⁴⁷ e d'*oc*, che significano appresso di loro quel medesimo che appresso li Italiani *si*. Adducano ancora in exemplo tutta la lingua tedesca che dice *iò*¹⁴⁸ e tutta la Inghilterra che dice *jeh*¹⁴⁹. E forse da queste ragioni mossi vogliono molti di costoro che qualunque è in Italia che scriva o parli, scriva e parli in una¹⁵⁰ lingua.

Alcuni altri tengono che questa particula *si* non sia quella che regoli la lingua, perché, se la regolasse, e i Siciliani e li Spagnuoli sarebbero ancor loro quanto al parlare Italiani. E però è necessario si regoli con altre ragioni; e dicono che chi considera bene le 8 parti de l'orazione nelle quali ogni parlar si divide troverà che quella che si chiama verbo è la catena e il nervo¹⁵¹ de la lingua, e ogni volta che in questa parte non si varia¹⁵², ancora che nelle altre si variasse assai, conviene che le lingue abbinò una comune intelligenza¹⁵³. Perché quelli nomi che ci sono incogniti ce li fa intendere il verbo quale infra loro è collocato, e così per contrario dove li verbi sono differenti, ancora che vi fusse similitudine ne' nomi, diventa quella un'altra lingua. E per esempio si può dare¹⁵⁴ la provincia d'Italia, la quale è in una minima parte differente ne i verbi, ma ne i nomi differentissima, perché ciascuno Italiano dice

¹⁴⁶ *Abi ... suona: Inferno XXXIII 79-80.*

¹⁴⁷ *d'ui: d'oui.*

¹⁴⁸ *iò: ja.*

¹⁴⁹ *jeh: yes.*

¹⁵⁰ *in una: in un'unica.*

¹⁵¹ *la catena e il nervo: il tessuto connettivo ed il nerbo.*

¹⁵² *in questa parte non si varia: «cioè non c'è differenza tra lingua e lingua» (Trabalza); in questa parte: nel verbo.*

¹⁵³ *intelligenza: intelligibilità*

¹⁵⁴ *dare: citare, indicare.*

stare e leggere,⁵⁴ mas ninguém diz igualmente *deschetto, tavola e guastada*.⁵⁵ Com respeito aos pronomes, os mais importantes são diferentes, como *mi* ao invés de *io* e *ti* por *tu*.⁵⁶

Uma outra diferença entre as línguas, mas não tão grande ao ponto de torná-las incompreensíveis, são a pronúncia e os acentos. Os Toscanos fecham todas as vogais de suas palavras, enquanto os Lombardos e os habitantes da Romanha cortam quase todas suas palavras fazendo com que terminem com uma consoante, como *pan* ao invés de *pane*.⁵⁷

Consideradas então todas essas e outras diferenças presentes na língua itálica, querendo ver qual variedade dela é escrita de fato, e em qual língua tinham escrito os escritores de antigamente, é preciso, antes, ver de onde eram Dante e os primeiros escritores, e se eles escreveram em sua língua nativa, ou não; em seguida, examinar seus escritos, e mais alguma escritura florentina pura, ou lombarda, ou de outra província da Itália, contanto que seja totalmente natural e não artificial. A língua que seja mais compatível a seus escritos, aquela, acho eu, poderá ser considerada a língua em que eles escreveram.

De onde fossem aqueles primeiros escritores – exceto um, que era de Bolonha, outro, de Arezzo, outro ainda, de Pistoia;⁵⁸ e todos eles juntos não chegaram a compor dez canções – é coisa conhecidíssima: eles eram florentinos; entre eles, Dante, Petrarca, Boccaccio ocupam a primeira posição, e tão alta, que ninguém espera jamais alcançar uma parecida. Deles, Boccaccio afirma, em seu *Cento novelle*,⁵⁹ escrever em vulgar florentino; Petrarca,

⁵⁴ *Amar, estar e ler.*

⁵⁵ Três maneiras diferentes para dizer *mesa*.

⁵⁶ *Eu e tu.*

⁵⁷ *Pão.*

⁵⁸ Respectivamente, Guido Guinizzelli (1230-1276), Guittone d'Arezzo (1235-1294), Cino da Pistoia (1270-1336).

⁵⁹ O *Decamerão*: lê-se na introdução da quarta jornada: “*le presenti novelle [...] in fiorentin volgare scritte*” (“as presentes novelas [...] escritas em florentino vulgar”).

amare, stare e leggere, ma ciascuno di loro non dice già *deschetto, tavola e guastada*¹⁵⁵. Intra i pronomi quelli che importano più sono variati, sí come è *mi* in vece d'io e *ti* per tu.

Quello che fa ancora differenti le lingue, ma non tanto che le non s'intendino, sono la pronunzia e gli accenti. Lj Toscani fermano¹⁵⁶ tutte le loro parole in su le vocali, ma li Lombardi e li Romagnuoli quasi tutte le sospendono su le consonanti, come è *pane* e *pan*.

Considerato adunque tutte queste e altre differenze che sono in questa lingua itálica, a voler vedere quale di queste tenga la penna in mano e in quale abbino scritto gli scrittori antichi, è prima necessario vedere donde¹⁵⁷ Dante e gli primi scrittori furono e se essi scrissono nella lingua patria o se non vi scrissero; di poi arrecarsi innanzi i loro scritti, e appresso qualche scrittura mera fiorentina o lombarda o d'altra provincia d'Italia, dove non sia arte ma tutta natura; e quella che fia più conforme alli scritti loro, quella si potrà chiamare, credo, quella lingua nella quale essi abbino scritto.

Donde quelli primi scrittori fussino, eccetto che uno bolognese, uno aretino e uno pistolese¹⁵⁸, i quali tutti non aggiunsono¹⁵⁹ a X canzoni, è cosa notissima come e' furono fiorentini; intra li quali Dante, il Petrarca e il Boccaccio tengono il primo luogo, e tanto alto, che alcuno [non] spera più aggiungervi¹⁶⁰. Di questi, il Boccaccio afferma nel *Cento novelle*¹⁶¹ di scrivere in volgar fiorentino; il Petrarca non so che ne parli¹⁶² cosa alcuna; Dante, in

¹⁵⁵ *guastada*: caraffa.

¹⁵⁶ *fermano*: chiudono.

¹⁵⁷ *donde*: di dove, di qual luogo.

¹⁵⁸ *uno bolognese, uno aretino e uno pistoiese*: Guido Guinizelli, Guittone d'Arezzo, Cino da Pistoia.

¹⁵⁹ *aggiunsono a*: arrivarono a comporre.

¹⁶⁰ *aggiungervi*: giungere a così alto livello.

¹⁶¹ *Cento novelle*: *Decameron*, giornata IV, introduzione: «... le presenti novelle ... in fiorentin volgare scritte».

¹⁶² *parli*: dica.

não sei se alguma vez tenha dito algo a respeito; Dante, em seu livro *De Vulgari Eloquentia*,⁶⁰ em que condena toda a língua regional da Itália, afirma não ter escrito em florentino, mas em uma língua curial;⁶¹ de forma que, acreditando em suas palavras, ficariam desacreditadas minhas observações anteriores, ou seja, de querer entender a partir de seus próprios exemplos em que eles teriam aprendido essa língua.

Pelo que diz respeito a Petrarca e a Boccaccio, eu não quero replicar nada, sendo um, em nosso favor, e outro, neutro; mas deter-me-ei a falar sobre Dante, que demonstrou ser um homem excelente quanto a intelecto, doutrina e capacidade de discernimento, exceto naquelas partes em que ele teceu reflexões acerca de sua pátria, que, aliás, ele difamou com toda espécie de injúrias, desdenhando qualquer humanidade e princípio filosófico. E não podendo fazer nada a não ser difamá-la, acusou-a de todos os vícios, condenou os homens, reprovou o sítio geográfico, falou mal de seus costumes e de suas leis; e não fez isso em uma parte só de seu poema,⁶² mas em todo ele, e de várias e diferentes formas; tanto ofendeu-o a afronta do exílio, tanta vingança desejava ele, que injuriou sua pátria tanto quanto possível. E se, por sorte, houvesse acontecido algum dos males que ele profetizou contra Florença, ela deveria magoar-se mais de ter criado esse homem, que de qualquer outra de suas desgraças. Mas, ao contrário, quase que para desvendar as mentiras dele e para encobrir suas falsas calúnias com sua glória, a fortuna tornou-a sempre mais próspera e célebre por todos os cantos do mundo, e Florença encontra-se atualmente em uma condição de tanta paz e felicidade que, se Dante a visse, ou censuraria a si mesmo, ou então, novamente sucumbindo à sua inveja inata, desejaria, tendo ressuscitado, morrer de novo. Não é, portanto, de se admirar se ele, que sempre procurou difamar sua pátria, na língua também tenha querido

⁶⁰ Ver Prefácio.

⁶¹ *De Vulgari Eloquentia*, I, 18.

⁶² *A Divina Comédia*.

un suo libro ch'ei fa *De vulgari eloquio*¹⁶³, dove egli danna tutta la lingua particular d'Italia, afferma non avere scritto in fiorentino, ma in una lingua curiale; in modo che, quando e' se li avesse a credere, mi cancellerebbe l'obbiezioni che di sopra si feciono, di volere intendere da loro donde avevano quella lingua imparata.

Io non voglio, in quanto s'appartenga al Petrarca e al Boccaccio, replicare cosa alcuna, essendo l'uno in nostro favore e l'altro stando neutrale; ma mi fermerò sopra di Dante, il quale in ogni parte mostrò d'esser per ingegno, per dottrina e per giudizio uomo eccellente, eccetto che dove egli ebbe a ragionar della patria sua, la quale, fuori d'ogni umanità e filosofico istituto, perseguì con ogni spezie d'ingiuria.

E non potendo altro fare che infamarla, accusò quella d'ogni vizio, dannò gli uomini, biasimò il sito, disse male de' costumi e delle leggi di lei; e questo fece non solo in una parte de la sua *Cantica*¹⁶⁴, ma in tutta, e diversamente e in diversi modi; tanto l'offese l'ingiuria dell'exilio, tanta vendetta ne desiderava, e però ne fece tanta quanta egli poté. E se, per sorte, de' mali ch'egli li predisse le ne fusse accaduto alcuno, Firenze arebbe piú da dolersi d'aver nutrito quell'uomo, che d'alcuna altra sua rovina. Ma la fortuna, per farlo mendace e per ricoprire con la gloria sua la calunnia falsa di quello, l'ha continuamente prosperata e fatta celebre per tutte le provincie del Mondo, e condotta al presente in tanta felicità e sí tranquillo stato, che, se Dante la vedessi, o egli accuserebbe se stesso, o ripercossò dai colpi di quella sua innata invidia vorrebbe, essendo risuscitato, di nuovo morire. Non è pertanto meraviglia se costui, che in ogni cosa accrebbe infamia a

¹⁶³ *De vulgari eloquio*: título improprio, dato dal codice Trivulziano usufruito dal Trissino, e da altri manoscritti ed edizioni, e presente ancora nel Manzoni. Il título esatto *De vulgari eloquentia*, dato dal codice Berlinese scoperto dal Bertalot nel 1917, era già noto al Villani e al Boccaccio. - Circa la deformazione della tesi linguistica dantesca da parte del Trissino, e circa la polemica antitrissiniana e antidantesca del Machiavelli, cfr. l'Introduzione e l'Appendice.

¹⁶⁴ *Cantica*: in questo caso: poema.

tirar dela aquela reputação que achava ele ter-lhe dado em seus escritos; e para não glorificá-la de forma alguma, compôs ele aquela obra, visando a demonstrar não ser a florentina a língua em que havia escrito. No que se refere a isso, no entanto, temos que acreditar nele tanto quanto que ele tenha encontrado Bruto na boca de Lúcifer, e cinco cidadãos florentinos entre os ladrões, e aquele seu Cacciaguida⁶³ no Paraíso, e outras tantas suas paixões e opiniões; a respeito das quais ele foi tão cego, que perdeu toda sua gravidade, doutrina e capacidade de discernimento, tornando-se um homem totalmente diverso; a tal ponto, que se ele tivesse vivido julgando as coisas sempre dessa forma, ou ele teria vivido sempre tranquilamente em Florença,⁶⁴ ou teria ele sido julgado louco e então exilado.

Mas, como as coisas que são tratadas com generalidade ou hipóticamente podem ser facilmente criticadas, eu quero, com palavras vivas e verdadeiras, demonstrar ser sua língua integralmente florentina, e mais ainda que a de Boccaccio, que ele mesmo confessa ser florentina; e assim responder, em parte, àqueles que têm a mesma opinião de Dante.

A língua comum da Itália seria aquela em que se encontra mais do geral e menos do peculiar de alguma fala em especial; e, da mesma forma, uma língua regional seria aquela em que se encontra mais do seu próprio particular patrimônio linguístico que de qualquer outra língua; pois não se pode encontrar uma língua que diga cada coisa por si, sem ter pego algo das outras; de fato, quando homens de várias regiões conversam junto, pegam emprestado palavras uns dos outros. Além disso, quando novas doutrinas, ou novas artes, chegam a uma cidade, necessariamente virão com elas novos vocábulos, nascidos naquela língua de onde vieram aquelas doutrinas ou aquelas artes; mas, no ato de falar, modificar-se-ão, estando em contato com os modos, as

⁶³ Ancestral de Dante, que o poeta encontra no canto XVI do *Paraíso*.

⁶⁴ Pois se tratando de pessoa sem importância não teria sido preciso exilá-lo.

la sua patria, volse¹⁶⁵ ancora nella lingua torle quella riputazione la quale pareva a lui d'averle data ne' suoi scritti, e per non l'onorare in alcun modo compose quell'opera per mostrar quella lingua nella quale egli aveva scritto non esser fiorentina. Il che tanto se li debbe credere, quanto ch'ei trovassi Bruto in bocca di Lucifero maggiore¹⁶⁶, e cinque cittadini fiorentini in tra i ladroni¹⁶⁷, e quel suo Cacciaguida in Paradiso¹⁶⁸, e simili sue passioni e oppinioni; nelle quali fu tanto cieco, che perse ogni sua gravità, dottrina e giudizio, e divenne al tutto un altro uomo; talmente che, s'egli avessi giudicato così ogni cosa, o egli sarebbe vivuto sempre a Firenze¹⁶⁹, o egli ne sarebbe stato cacciato per pazzo.

Ma perché le cose che s'impugnano per parole generali o per conietture possono esser facilmente riprese¹⁷⁰, io voglio a ragioni vive e vere mostrare come il suo parlare è al tutto fiorentino, e piú assai che quello che il Boccaccio confessa per se stesso¹⁷¹ esser fiorentino; e in parte rispondere a quelli¹⁷² che tengono la medesima oppinione di Dante.

Parlare comune d'Italia sarebbe quello dove fussi piú del comune che del proprio d'alcuna lingua; e similmente parlar proprio fia quello dove è piú del proprio che di alcuna altra lingua; perché non si può trovare una lingua che parli ogni cosa per sé senza averè accattato da altri; perché, nel conversare gli

¹⁶⁵ volse: volle.

¹⁶⁶ Bruto in bocca di Lucifero maggiore: cfr. *inferno* XXXIV 64-66. - maggiore: principe dei demoni. (L'espressione ricorre in BOCCACCIO, *Decameron* VIII 2).

¹⁶⁷ in tra i ladroni: *Inferno* XXV 34 sgg.

¹⁶⁸ Cacciaguida in Paradiso: *Paradiso* XV, XVI, XVII.

¹⁶⁹ sarebbe vivuto sempre a Firenze: perché trattandosi di una personalità trascurabile non ci sarebbe stato bisogno di esiliarlo.

¹⁷⁰ riprese: censurate, biasimate. È un'obiezione che il Machiavelli fa a se stesso, per ovviarvi.

¹⁷¹ per se stesso: di sua iniziativa, spontaneamente.

¹⁷² risponderè a quelli: è evidente che la polemica del Machiavelli contro Dante è in funzione della polemica linguistica contro i contemporanei, (Trissino in primo luogo); la quale a sua volta muove da una sollecitudine prevalentemente politica (il primato linguistico di Firenze come coefficiente del suo primato politico).

declinações e os acentos da língua daquele lugar, entrando em consonância com seus vocábulos; que dessa forma tornar-se-ão seus próprios; pois de outra maneira as línguas pareceriam remendadas e não seriam harmoniosas. E assim os vocábulos estrangeiros convertem-se em florentinos, não os florentinos em estrangeiros; portanto, a nossa língua não se torna nenhuma outra a não ser a florentina. E disso depende o fato de que as línguas no começo se enriquecem, e tornam-se mais bonitas, sendo mais copiosas; mas é verdade também que, com o passar do tempo, pela abundância destas novas palavras, degeneram e tornam-se outra coisa; mas isso acontece em centenas de anos; e dessa coisa ninguém se dá conta se não depois que a língua encontra-se arruinada, em condições de extrema barbárie. Quando acontece de um novo povo vir habitar em uma nova província, essa mudança se dá mais rapidamente; nesse caso, a língua muda no decorrer de uma geração. Mas, seja qual for a forma para qual a língua mudar, é preciso, querendo restabelecer essa língua que se perdeu, que ela seja retomada por meio de bons escritores que nela escreveram, como se fez e se faz nas línguas latina e grega.

Mas, deixando para trás essa parte como não necessária, por não se encontrar ainda a nossa língua em sua fase de decadência, e voltando lá de onde eu parti, digo que uma língua pode ser chamada de comum em uma província, quando a maior parte de seus vocábulos com suas propriedades e determinações particulares não seja utilizada em alguma língua própria daquela região; e, também, uma língua será chamada de regional, quando a maior parte de seus vocábulos não seja utilizada em outra língua daquela província.

Para mostrar que isso que eu digo é verdade, e é verdade absoluta, gostaria de chamar Dante, para que ele me mostre o seu poema; e conhecendo eu algo da língua florentina escrita, perguntaria para ele o que há em seu poema que não seja escrito em florentino. E, como ele responderia que há muitas expressões vindas da Lombardia, ou criadas por ele, ou tiradas do latim...

uomini di varie provincie insieme¹⁷³, prendono de' motti l'uno dell'altro. Aggiugnesi a questo che, qualunque volta viene¹⁷⁴ o nuove dottrine in una città o nuove arti, è necessario che vi venghino nuovi vocaboli, e nati in quella lingua donde quelle dottrine o quelle arti son venute; ma riducendosi, nel parlare, con i modi, con i casi, con le differenze e con gli accenti, fanno una medesima consonanza con i vocaboli di quella lingua che trovano, e così diventano suoi; perché altrimenti le lingue parrebbero rappezzate e non tornerèbbono¹⁷⁵ bene. E così i vocaboli forestieri si convertono in fiorentini, non i fiorentini in forestieri; né però diventa altro la nostra lingua che fiorentina. E di qui dipende che le lingue da principio arricchiscono, e diventano più belle essendo più copiose; ma è ben vero che col tempo, per la moltitudine di questi nuovi vocaboli, imbastardiscono e diventano un'altra cosa; ma fanno questo in centinaia d'anni; di che altri non s'accorge se non poi che è rovinato in una estrema barbaria. Fa¹⁷⁶ ben più presto questa mutazione quando egli avviene che una nuova popolazione venisse ad abitare in una provincia. In questo caso ella fa la sua mutazione in un corso d'un'età d'un uomo¹⁷⁷. Ma in qualunque di questi duoi modi che la lingua si muti, è necessario che quella lingua persa volendo¹⁷⁸ la sia riassunta per il mezzo di buoni scrittori che in quella hanno scritto, come si è fatto e fa della lingua latina e della greca.

¹⁷³ *nel conversare . . . insieme*: quando uomini di varie province conversano insieme. - Il significato del periodo è che «parlare comune» e «parlare proprio» (cioè particolare: regionale o municipale) sono espressioni da intendersi con discrezione: perché, a rigore, nessuna parlata è del tutto «comune» o del tutto «propria».

¹⁷⁴ *qualunque volta viene*: ogniqualvolta vengono.

¹⁷⁵ *tornerèbbono*: riuscirebbero.

¹⁷⁶ *Fa*: *sogg. quando egli avviene che*; oppure: *una lingua* (sottinteso; e già nel periodo precedente dal plurale si è passati al singolare è *rovinato*).

¹⁷⁷ *in un corso d'un'età d'un uomo*: in un settantennio (durata media della vita umana); meno probabile: in un trentennio (durata di una generazione).

¹⁷⁸ *volendo*: volendo in qualche modo ripristinarla. - *sia riassunta*: sia fatta rivivere, sia ripresa. - La costruzione è ellittica; e non è da escludere una lacuna nel testo.

Mas como eu quero falar um pouco com Dante, colocarei os interlocutores frente a frente, para evitar “ele disse” e “eu respondi”.

N. Quais vocábulos tu tomaste da Lombardia?

D. Este daqui:

In co del ponte presso a Benevento,⁶⁵

e este também:

Con voi nascerà e s'asconderà vosco.⁶⁶

N. Quais tu tomaste dos Latinos?

D. Estes daqui, e muitos outros:

Transumanare significare per verba.⁶⁷

N. E quais tu criaste?

D. Estes daqui:

S'io m'intuassi come tu ti immii.⁶⁸

É todos estes vocábulos, misturados aos toscanos, formam uma terceira língua.

N. Está bem. Mas me diz: nesta tua obra, quantos são os vocábulos estrangeiros, ou latinos, ou criados por ti?

D. Nos dois primeiros livros há poucos, mas muitos no último, especialmente tirados dos Latinos, porque as várias doutrinas de que eu falo obrigam-me a pegar vocábulos adequados para expressá-las; e, não sendo isso possível que com termos latinos, eu os integrei de tal maneira às desinências, que se tornavam parecidos com a língua do resto da obra.

⁶⁵ “Que em frente à ponte, ao pé de Benevento”; *Purgatório*, III, terceto 43 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 288).

⁶⁶ “Conyoseo na carreira, em que se afana”; *Paraíso*, XXII, terceto 39 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 695).

⁶⁷ “Significar *per verba* não podendo/O que é transumanar o exemplo baste”; *Paraíso*, I, terceto 24 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 528).

⁶⁸ “Se eu visse em ti bem como em mim estás vendo”; *Paraíso*, IX, terceto 27 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 590).

Ma lasciando stare questa parte come non necessaria, per non essere la nostra lingua ancora nella sua declinazione¹⁷⁹, e tornando donde io mi partii, dico che quella lingua si può chiamar comune in una provincia, dove la maggior parte de' suoi vocaboli con le loro circostanze non si usino in alcuna lingua propria di quella provincia; e quella lingua si chiamerà propria dove la maggior parte de' suoi vocaboli non s'usino in altra lingua di quella provincia.

Quando questo ch'io dico sia vero, che è verissimo, io vorrei chiamar Dante, che mi mostrasse il suo poema; e avendo appresso alcuno scritto in lingua fiorentina, lo domanderei qual cosa è quella che nel suo poema non fussi scritta in fiorentino. E perché e' risponderebbe che molte, tratte di Lombardia, o trovate da sé, o tratte dal latino...

Ma perché io voglio parlare un poco con Dante, per fuggire egli disse ed io risposi metterò gl'interlocutori¹⁸⁰ d'avanti.

N¹⁸¹. Quali traesti tu di Lombardia?

D¹⁸². Questo:

*In co del ponte presso a Benevento;*¹⁸³

e quest'altro:

*Con voi nascerà e s'asconderà vosco.*¹⁸⁴

¹⁷⁹ *declinazione*: parabola discendente, decadenza, tramonto.

¹⁸⁰ *metterò gl'interlocutori* ...: l'urgenza del pensiero e della passione e il carattere sereno e stringato della dialettica machiavellesca esigono a questo punto la sostituzione del dialogo ai modi della prova espositiva. - *metterò*: la variante *noterò* data dal ms Vaticano e dal Casella trova rispondenza in un passo analogo dell'*Arte della guerra* (p. 268A: *si noteranno*); ma preferiamo attenerci coerentemente all'apografo Ricci, per di più suffragato in questo caso dal codice frammentario B.

¹⁸¹ N.: Niccolò. - *Quali*: sottint. delle *cose ... scritte* menzionate nel penultimo periodo che precede: cioè quali parole; ma qui e più sotto si passa dal femminile al maschile, perché nella mente dello scrittore al termine *parole* si è venuto surrettiziamente sostituendo il termine *vocaboli*.

¹⁸² D.: Dante.

¹⁸³ *In co* ...: *Purgatorio* III 128.

¹⁸⁴ *Con voi* ...: *Paradiso* XXII 115 (lez. esatta: *nasceva e s'ascondeva*: ma un codice della

N. Que língua é aquela da obra?

D. Curial.

N. O que quer dizer curial?

D. Quer dizer a língua falada pelos homens da corte do Papa ou do Duque, os quais, sendo homens letrados, falam melhor de que se fala em qualquer região da Itália.

N. Tu estás mentindo. Pois me diz: o que significa, naquela língua curial, *morse*?⁶⁹

D. Significa *mori*.

N. Em florentino o que significa?

D. Significa apertar alguém com os dentes.

N. Quando tu dizes em teus versos:

*E quando il dente longobardo morse,*⁷⁰

o que significa aquele *morse*?

D. *Punse, offese e assaltò*:⁷¹ que é uma translação tirada daquele *mordere*⁷² que dizem os Florentinos.

N. Então tu falas em florentino e não na língua curial.

D. Isso é em parte verdade; mesmo assim, eu tomo cuidado de não usar certos vocábulos especificamente nossos.

N. Mas como tu tomas cuidado? Quando tu dizes:

*forte spingeva con ambe le piote,*⁷³

esse *spingere*⁷⁴ o que quer dizer?

⁶⁹ *Morreu* em língua curial; *mordeu* em florentino.

⁷⁰ "Quando, mordida por lombardo inimigo"; *Paraiso*, VI, terceto 32 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 567).

⁷¹ *Pungir, ofender, assaltar*.

⁷² *Morder*.

⁷³ "Agitava os dois pés com mor braveza"; *Inferno*, XIX, terceto 40 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 150).

⁷⁴ *Escocear*; no italiano atual, *empurrar*.

N. Quali traesti tu da i Latini?

D. Questi, e molti altri:

*Transumanare significare per verba.*¹⁸⁵

N. Quali trovasti da te?

D. Questi:

*S'io m'intuassi come tu ti immii.*¹⁸⁶

Li quali vocaboli, mescolati tutti con li toscani, fanno una terza lingua.

N. Sta bene. Ma dimmi: in questa tua opera come¹⁸⁷ vi sono di questi vocaboli o forestieri o trovati da te o latini?

D. Nelle prime due cantiche ve ne sono pochi, ma nell'ultima assai, massime dedotti da i Latini, perché le dottrine varie di che io ragiono mi costringono a pigliare vocaboli atti a poterle esprimere; e non si potendo se non con termini latini, io gli usavo, ma li deducevo in modo con le desinenze, ch'io gli facevo diventare simili a la lingua del resto de l'opera.

N. Che lingua è quella dell'opera?

D. Curiale.

N. Che vuol dir curiale?

D. Vuol dire una lingua parlata da gl' uomini di corte del Papa, del Duca, i quali, per essere uomini litterati, parlano meglio che non si parla nelle terre particolari d'Italia.

N. Tu dirai le bugie. Dimmi un poco: che vuol dire in quella lingua curiale *morse*?

D. Vuol dire *mori*.

N. In fiorentino che vuol dire?

Commedia reca nasea; e un altro nascera.

¹⁸⁵ *Transumanare* ...: *Paradiso* I 70 (lez. esatta: *Trasumanar significar*: ma la lezione *transumanar* è in molti codici del poema).

¹⁸⁶ *S'io m'intuassi* ...: *Paradiso* IX 81 (*ti immii*: lez. esatta: *t'inmii*: ma la forma assimilata è in codici autorevoli del poema).

¹⁸⁷ *come*: in quale misura e proporzione.

D. Em Florença tem-se o costume de dizer, quando um animal escoiceia, *ella spicca una coppia di calci*;⁷⁵ e como eu quis mostrar que aquele lá escoiceava, disse *spingeva*.

N. Diz-me: tu dizes, querendo também dizer *le gambe*,⁷⁶

E quello che spingeva con le zanche;⁷⁷

por que tu dizes isso?

D. Porque em Florença se chamam *zanche* aquelas hastes sobre as quais vão os *spiritelli* na festa de São João;⁷⁸ como então elas são chamadas de *gambe*, eu querendo significar *gambe* disse *zanche*.

N. Realmente, tu evitas mesmo os vocábulos florentinos! Mas me diz: mais para a frente, quando tu dizes:

Non prendete mortali i voti a ciancie,⁷⁹

por que tu dizes *ciancie*,⁸⁰ como os Florentinos, e não *zanze*, como os Lombardos, tendo já dito *vosco e co del ponte*?⁸¹

D. Não disse *zanze* para não usar um vocábulo bárbaro como aquele; mas disse *co* e *vosco*, por um lado porque não são elas palavras tão bárbaras, por outro porque em uma obra grande é lícito usar de vez em quando uma palavra estrangeira, como Virgílio fez ao dizer:

*Troica gaza per undas.*⁸²

⁷⁵ *Ela desfere um par de coices*.

⁷⁶ *As pernas*.

⁷⁷ “Senão quando daquele, que gemia/Pelos pés, conseguiu aproximar-se”; *Inferno*, XIX, terceto 15 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 147).

⁷⁸ Chamavam-se de *spiritelli* os atores que, durante os festejos de São João Batista (24 de junho), o padroeiro de Florença, caminhavam com pernas de pau por cima da multidão, parecendo andar no ar, pairando acima dela.

⁷⁹ “Se o voto é tal na gravidade sua”; *Paraíso*, V, terceto 21 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 559).

⁸⁰ *Conversa fiada, prosa*.

⁸¹ Ver notas 16 e 17.

⁸² *Eneida*, I, 119.

D. Vuol dire strignére uno con i denti.

N. Quando tū di' ne' tuoi versi:

*E quando il dente longobardo morse, che vuol dire quel morse?*¹⁸⁸

30 D. *Punse, offese e assaltò*: che è una translazione dedotta da quel *mordere* che dicono i Fiorentini.

N. Adunque parli tu in fiorentino e non cortigiano.

D. Egli è vero in maggior parte ; pure io mi riguardo di non usare certi vocaboli nostri proprii.

N. Come te ne riguardi? Quando tu di':

*forte spingeva con ambe le piote,*¹⁸⁹ questo *spingere* che vuol dire?

D. In Firenze s'usa dire, quando una bestia trae de' calci, *ella spicca una coppia di calci*; e perché io volsi mostrare come colui traeva de' calci, dissi *spingeva*.

N. Dimmi: tu di' ancora volendo dire *le gambe*,

*E quello che spingeva con le zanche;*¹⁹⁰

perché lo di' tu?

D. Perché in Firenze si chiamono *zanche* quelle aste sopra le quali vanno gli spiritelli¹⁹¹ per Santo Giovanni, e perché allora e' l'usano per *gambe*, e io volendo significare *gambe* dissi *zanche*.

N. Per mia fe' tu ti guardi assai bene da i vocaboli fiorentini. Ma dimmi, piú là, quando tu di':

*Non prendete mortali i voti a ciancie,*¹⁹²

190

¹⁸⁸ *E quando il dente ...: Paradiso VI 94.*

¹⁸⁹ *Forte spingeva...: Inferno XIX 120* (lez. esatta: *spingava*; variante tarda *springava*; ma la lez. *spingeva* è rintracciabile in qualche codice).

¹⁹⁰ *E quello che ...: Inferno XIX 45* (lez. esatta: *di quel che sí piangeva con la zanca*; «In sé accettabile la var. *pingeva* ... Ma potrebbe anticipare *spingava* del v. 120» [Petrocchi]).

¹⁹¹ *spiritelli*: folletti

¹⁹² *Non prendete...: lez. esatta: Non prendan li mortali il voto à ciancia. - Paradiso V 64.*

N. Está bem; mas então, pode-se dizer, por isso, que Virgílio não escreveu em latim?

D. Não.

N. E igualmente tu, por ter dito *co* e *vosco*, não abandonaste a tua língua. Mas nós estamos em uma disputa vã, pois tu próprio admities, em vários pontos de tua obra, falar toscano e florentino. Tu não dizes, de alguém que o ouviu falar no Inferno:

*Ed egli intese la parola tosca;*⁸³

e alhures, nas palavras de Farinata, enquanto ele fala contigo:

La tua loquela ti fa manifesto

di quella dolce patria natio

*alla qual forse fui troppo molesto.*⁸⁴

D. É verdade, eu disse tudo isso.

N. Por que então tu dizes que não fala florentino? Mas eu quero convencer-te com os livros na mão e comparando; vamos ler então essa tua obra e o Morgante.⁸⁵ Lê, vai.

D. *Nel mezzo del cammin di nostra vita*

mi ritrovai per una selva oscura

*che la diritta via era smarrita.*⁸⁶

N. Basta. Lê agora o Morgante.

D. Onde?

N. Onde tu quiseses. Lê aí, a esmo.

191

⁸³ “Tendo vozes toscanás escutado”; Inferno, XXIII, terceto 26 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 177).

⁸⁴ “Por teu falar me está bem manifesto/Que nessa nobre pátria tens nascido,/A que fora eu talvez assaz molesto”; Inferno, X, terceto 9 (trad. de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 82).

⁸⁵ Poema épico-cavaleresco do poeta florentino Luigi Pulci (1432-1484).

⁸⁶ “Da nossa vida em meio da jornada/Achei-me numa selva tenebrosa/Tendo perdido a verdadeira estrada”; Inferno, I, terceto 1 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 17)

perché di' tu *ciancie* come i fiorentini e non *zanze* come i Lombardi, avendo detto *vosco*¹⁹³ e *co del ponte*?

D. Non dissì *zanze* per non usare un vocabolo barbaro come quello; ma dissì *co* e *vosco*, sí perché non sono vocaboli sí barbari, sí perché in una opera grande è lecito usare qualche vocabolo esterno, come fe' Vergilio quando disse:

*Troica gaza per undas.*¹⁹⁴

N. Sta bene; ma fu egli per questo che Virgilio non scrivesse in latino?

D. No.

N. E cosí tu ancora, per aver detto *co* e *vosco*, non hai lasciata la tua lingua. Ma noi facciamo una disputa vana, perché nella tua opera tu medesimo in piú luoghi confessi di parlare toscano e fiorentino. Non di' tu di uno che ti sentí parlare nell'Inferno:

*Ed egli ch'intese la parola tosta*¹⁹⁵

e altrove, in bocca di Farinata, parlando egli teco:

*La tua loquela ti fa manifesto di quella dolce patria natio
alla qual forse fui troppo molesto.*¹⁹⁶

D. Gli è vero ch'io dico tutto cotesto.

N. Perché di' dunque di non parlar fiorentino? Ma io ti voglio convincere co i libri in mano e con il riscontro; e però leggiamo questa tua opera e il *Morgante*. Leggi su.

D. *Nel mezzo del cammin di nostra vita mi ritrovai per una selva oscura che là diritta via era smarrita.*¹⁹⁷

N. E' basta. Leggi un poco ora il *Morgante*.

D. Dove?

¹⁹³ *vosco*: *Paradiso* XXII 115. - *co*: *Purgatorio* III 128.

¹⁹⁴ *Troica gaza per undas*: *Aeneidon* I.119 (lez. esatta: *Troia*). - *gaza*: termine persiano e significa tesoro, ricchezza.

¹⁹⁵ *Ed egli ch'intese ...*: lez. esatta: *E un che 'ntese*. - *Inferno* XXIII 76.

¹⁹⁶ *La tua loquela ... molesto*: *Inferno* X 25 sgg. (lez. esatta: *nobil patria*).

¹⁹⁷ *Nel mezzo ... smarrita*: *Inferno* I I-3.

D. Bom:

*Non chi comincia ha meritato è scritto
nel tuo santo Vangel benigno Padre.*⁸⁷

N. Pois então, que diferença há entre sua língua e esta?

D. Pouca.

N. Nenhuma, me parece.

D. Aqui... pois há algo aqui.

N. O quê?

D. Este *chi*⁸⁸ é demasiado florentino.

N. Tu serás obrigado a retratar-te: tu não dizes:

*io non so chi tu sia, né per qual modo
venuto sei quaggiù, ma fiorentino...?*⁸⁹

D. É verdade, eu estou errado.

N. Meu querido Dante, eu quero que tu te corrijas, e que reflitas melhor sobre a fala florentina e a tua obra; e tu verás que se alguém tiver que ficar envergonhado, será antes Florença que tu; pois se pensares sobre o que disseste, tu verás que em teus versos não te esquivaste a valer-te de expressões deselegantes, como em:

Poi ci partimmo e n'andavamo in (trocque);⁹⁰
nem a utilizar-te do vulgar, como em:

*Che merda fa di quel che si trangugia;*⁹¹

⁸⁷ *Morgante*, XXIV, 18. "Não quem começa mereceu, está escrito, Pai bondoso, em teu santo Evangelio"

⁸⁸ Quem.

⁸⁹ "Não sei quem sejas, não sei como note/Tua presença aqui, por florentino/Te ouvindo a língua, é força que te adote"; *Inferno*, XXXIII, terceto 4 (trad. de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 252).

⁹⁰ "Assim falando, a passo igual seguia"; *Inferno*, XX, terceto 43 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 158).

⁹¹ "Onde o alimento de feição varia"; *Inferno*, XXVIII, terceto 9 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 214).

N. Dove tu vuoi. Leggi costí a caso.

D. Ecco:

*Non chi comincia ha meritato è scritto nel tuo santo Vangel benigno Padre.*¹⁹⁸

N. Or ben che differenza è da quella tua lingua a questa?

D. Poca.

N. Non mi ce ne par veruna.

D. Qui è pur non so che.

N. Che cosa?

D. Quel *chi* è troppo fiorentino.

N. Tu farai a ridirti¹⁹⁹: o non di' tu:

*Io non so chi tu sia, né per qual modo venuto sei quaggiú, ma fiorentino....*²⁰⁰

D. Egli è il vero e ho il torto.

N. Dante mio, io voglio che tu t'emendi, e che tu consideri meglio il parlar fiorentino e la tua opera, e vedrai che se alcuno s'arà da vergognare, sarà piú tosto Firenze che tu; perché se considererai bene a quel che tu hai detto, tu vedrai come ne' tuoi versi non hai fuggito il goffo, come è quello:

*Poi ci partimmo e n'andavamo in [trocque]*²⁰¹

Non hai fuggito il porco, como quello:

*Che merda fa di quel che si trangugia;*²⁰²

non hai fuggito l'osceno, como è:

*Le mani alzò con ambedue le fiche;*²⁰³

¹⁹⁸ *Non chi comincia ... Padre: PULCI, Morgante XXIV.*

¹⁹⁹ *Tu farai a ridirti: tu dovrà disdirti, ritrattare quel che dici.*

²⁰⁰ *Io non so ... ma fiorentino: Inferno XXXIII 10 sgg. (lez. esatta: chi tu se', né per che modo venuto se' qua giú).*

²⁰¹ *Poi ci partimmo ...: Inferno XX 130 (lez. esatta: Sí mi parlava ed andavamo introcque).*

²⁰² *Che merda fa ...: Inferno XXVIII 27.*

²⁰³ *Le mani alzò ...: Inferno XXV 2 (le due lezioni ambedue e amendue sono Suffragate*

e que nem sequer desprezaste o obsceno, como em

*Le mani alzò con ambedue le fiche.*⁹²

E não tendo te esquivado a isso, o que traz desonra para toda tua obra, tu não podes ter deixado de usar infindos vocábulos pátrios, que só se usam naquela,⁹³ pois a arte não pode ignorar por completo a natureza. Além disso, eu quero que tu consideres que as línguas não podem ser simples, mas que elas se misturam convenientemente com outras línguas. Mas, aquela língua que molda para seu próprio uso os vocábulos que acolheu de outros idiomas, e que será tão forte ao ponto de transformar os vocábulos recebidos, e não o contrário, será de uma única pátria; pois aquilo que ela pega dos outros, desenvolve-o de uma forma que parece dela mesma. E aqueles que escrevem naquela língua como amantes dela, devem fazer aquilo que tu fizeste, mas não dizer aquilo que tu disseste; pois se tu tomaste dos Latinos e dos estrangeiros muitos vocábulos, fizeste muito bem; mas erraste ao dizer que por isso ela tornou-se uma outra língua. Diz Horácio:

Quum lingua Catoni [et Ennî]

*Sermonem patrium dictavit;*⁹⁴

E elogia-os [Catão e Ênio] por terem sido os primeiros que começaram a enriquecer a língua latina. Em seus exércitos, os Romanos não possuíam mais que duas legiões compostas por Romanos legítimos, o que equivale a cerca de doze mil homens; além destes, havia 20 mil de outras nações; mesmo assim, por eles constituírem, junto com seus chefes, a força maior do exército, atuando todos sob a ordem e a disciplina romana, esses exércitos tinham o nome, a autoridade e a dignidade romana. E tu, que colocaste em teus escritos 20 legiões de vocábulos florentinos e que usas os casos, os tempos, os modos e as desinências florentinas,

⁹² “Ambas as mãos, que figuravam figas”; *Inferno*, XXV, terceto 1 (tradução de José Pedro Xavier Pinheiro, *op. cit.*, p. 190).

⁹³ Na tua pátria (e na tua obra).

⁹⁴ *Ars Poetica*, 56-57. “A língua de Catão e de Ênio enriqueceu a expressão pátria”.

e non avendo fuggito questo, che disonora tutta l'opera tua, tu non puoi aver fuggito infiniti vocaboli patrii che non s'usano altrove che in quella, perché l'arte non può mai in tutto repugnare a la natura. Oltre di questo io voglio che tu consideri come le lingue non possono esser semplici, ma conviene che sieno miste con l'altre lingue. Ma quella lingua si chiama d'una patria, la quale convertisce i vocaboli ch'ella ha accattati da altri nell'uso suo, ed è sí potente, che i vocaboli accattati non la disordinano, ma ella disordina loro; perché quello ch'ella reca da altri lo tira a sé in modo, che par suo. E gli uomini che scrivono in quella lingua come amorevoli di essa debbono far quello ch'hai fatto tu, ma non dir quello ch'hai detto tu; perché se tu hai accattato da' Latini e da' forestieri assai vocaboli, se tu n'hai fatti de' nuovi, hai fatto molto bene; ma tu hai fatto male a dire che per questo ella sia diventata un'altra lingua. Dice Orazio *quum lingua Catonis* [et Ennî] *sermonem patrium dictavit*,²⁰⁴ e lauda quelli come li primi che cominciarono ad arricchire la lingua latina. I Romani ne gli exerciti loro non avevano piú che 2 legioni di Romani, quali erono circa dodicimila persone, e di poi vi avevano ventimila de l'altre nazioni; nondimeno, perché quelli erano con li lor capi l'nervo de l'exercito, perché militavano tutti sotto l'ordine e disciplina romana, teneano quelli exerciti il nome, l'autorità e dignità romana. E tu che hai messo ne' tuoi scritti venti legioni di vocaboli fiorentini e usi i casi, i tempi e i modi e le desinenze fiorentine, vuoi che li vocaboli adventizii faccino mutar la lingua? E se tu la chiamassi o comune d'Italia o cortigiana perché in quella si usassino tutti li verbi che s'usano in Firenze, ti rispondo che, se si sono usati li medesimi verbi, non s'usano i medesimi termini, perché si variano tanto con la pronunzia, che diventono un'altra cosa. Perché tu sai che i forestieri²⁰⁵ o e' pervertano il *c* in *z*, come di sopra si disse di *cianciare* e *zanzare*, o eglino aggiungano lettere, come *verrà*,

ciascuna da buoni codici).

²⁰⁴ *quum lingua ... dictavit: Ars Poetica 56-57* (lez. esatta: *ditaverit*).

²⁰⁵ *forestieri*: non toscani.

tu pretendes que os vocábulos adventícios consigam mudar a língua? E se tu a chamasse de língua comum da Itália, ou língua cortesã, usando-se nela todos os verbos que se usam em Florença, eu responderia que, se nela se usaram os mesmos verbos, não se usam, todavia, as mesmas palavras, pois sua pronúncia deixam tão diferentes que se tornam uma outra coisa. Pois tu sabes que os estrangeiros ou mudam o *c* em *z*, como antes dissemos de *cianciare* e *zanzare*;⁹⁵ ou acrescentam letras, como em *verrà*, *vegnirà*;⁹⁶ ou então tiram letras, como em *poltrone* e *poltron*;⁹⁷ tanto assim, que aqueles vocábulos que são parecidos com os nossos desfiguram-nos de tal forma, que os transformam em uma outra coisa. E se tu me apresentasses o exemplo da fala curial, eu responderia que, se tu estiveres falando das cortes de Milão e de Nápoles, todas tomam algo do lugar de sua pátria, e que as melhores são aquelas que mais se aproximam do toscano e que mais o imitam; e se tu disseses que o imitador é melhor que o imitado, tu dizes algo que na maioria das vezes não existe. Mas, se tu te referes à corte de Roma, tu estás citando um lugar em que se fala de muitas maneiras, dependendo das várias nações ali representadas; e não é absolutamente possível colocar regra alguma. E eu fico admirado que tu queiras que aconteça isso justo lá, onde não se faz nenhuma coisa louvável, ou mesmo boa; pois onde os costumes são perversos, a língua será perversa, e reproduzirá em si aquela efeminada lascívia que têm aqueles que a usam. Mas, aquilo que engana muitos a respeito dos vocábulos comuns é o fato de muitas das nossas palavras terem sido aprendidas por muitos estrangeiros, e por eles utilizadas; de maneira que esses vocábulos, nossos, tornaram-se comuns, graças às celebrações e às leituras que se deram em vários lugares de suas obras, Dante, e das dos outros. E se tu quiseses verificar isso, olha para um livro escrito depois de vós, e verá quantos vocábulos dos vossos eles

⁹⁵ Ver nota 31.

⁹⁶ Virá.

⁹⁷ Medroso, vil.

vegnirà, o e' ne lievano, come *poltrone* e *poltron*; talmente che quegli vocaboli che son simili a' nostri gli storpiano in modo, che gli fanno diventare un'altra cosa. E se tu mi allegassi il parlar curiale, ti rispondo, se tu parli de le corti di Milano o di Napoli, che tutte tengono del luoco de la patria loro, e quelli hanno piú di buono che piú s'accostano al toscano e piú l'imitano; e se tu vuoi ch'e' sia migliore l'imitatore che l'imitato, tu vuoi quello che il piú delle volte non è. Ma se tu parli della corte di Roma²⁰⁶, tu parli d'un luogo dove si parla di tanti modi, di quante nazioni vi sono, né se li può dare in modo alcuno regola. Di poi io mi maraviglio di te, che tu voglia, dove non si fa cosa alcuna laudabile o buona, che vi si faccia questa; perché dove sono i costumi perversi conviene che il parlare sia perverso e abbia in sé quello effeminato lascivo che hanno coloro che lo parlano. Ma quello che inganna molti circa i vocaboli comuni è che, tu e gli altri che hanno scritto essendo stati celebrati e letti in varii luoghi, molti vocaboli nostri sono stati imparati da molti forestieri e osservati da loro, tal che de proprii nostri son diventati comuni. E se tu vuoi conoscer questo, arrecati innanzi un libro composto da quelli forestieri che hanno scritto dopo voi²⁰⁷, e vedrai quanti vocaboli egli usano de' vostri, e come e' cercano d'imitarvi. E per aver riprova di questo fa lor leggere libri composti dagli uomini loro avanti che nasceste voi, e si vedrà che in quelli non fia né vocabolo né termine²⁰⁸; e così apparirà che la lingua in che essi oggi scrivano è la vostra, e per conseguenza vostra, e la vostra non è comune con la loro. La qual lingua ancora che con mille sudori cerchino d'imitare, nondimeno, se leggerai i loro scritti, vedrai in mille luoghi essere da loro male e perversamente usata, perché gli è impossibile che l'arte possa piú che la natura.

198

²⁰⁶ *corte di Roma*: la cui lingua era, com'è noto, proposta come da adottarsi per lingua ufficiale d'Italia dal Calmeta, secondo l'interpretazione del Bembo, contraddetta peraltro dal Castelvetro.

²⁰⁷ *voi*: cioè Dante, Petrarca e Boccaccio.

²⁰⁸ *né vocabolo né termine*: intende che v'erano solo voci barbaramente dialettali.

usam, e como procuram imitá-los. E para poder comprovar isso, faz com que eles leiam livros escritos por concidadãos deles, antes de vós nascerem, e tu constatarás que naqueles livros não existe uma palavra, nem termo algum vosso; e assim ficará claro que a língua em que eles escrevem hoje é a vossa, e por vossa causa, e que a vossa língua não é comum à deles. E essa mesma língua, embora com muito trabalho eles tentem imitar, mesmo assim, ao ler seus escritos, tu poderás em muitos pontos ver como eles a usam mal, e perversamente, pois é impossível que a arte tenha mais força que a natureza.

Reflete sobre mais uma coisa, se tu queres ver a dignidade de tua língua pátria: que os estrangeiros que escrevem, se querem escrever de um assunto novo, onde não haja exemplo de palavras aprendidas convosco, são obrigados a recorrer ao toscano; ou seja, se eles usam seus próprios vocábulos, que os ajustem e estendam conforme o uso toscano, pois diversamente nem eles, nem outros, os aprovariam. E como eles dizem que todas as línguas pátrias, se não houver mistura alguma, são feias; de maneira que nenhuma seria feia, então eu digo ainda que aquela que menos necessita ser misturada é mais louvável, e não resta dúvida que esta língua é a florentina. E digo mais: digo que se escrevem muitas coisas que não são bonitas, se não se utilizam os termos e as expressões idiomáticas locais. Como no caso das comédias; pois, ainda que a finalidade das comédias seja apresentar um espelho de uma vida privada, mesmo assim sua forma de fazê-lo é com uma certa graciosa comichidade e com palavras que promovam o riso, de maneira que os homens, voltando-se para este prazer, possam saborear o exemplo útil que está nelas. E por isso as pessoas com quem dificilmente possam ser pessoas sérias a tratam;⁹⁸ pois não pode haver gravidade em um serviçal fraudulento, em um velho ludibriado, em um jovem fora de si por amor, em uma puta lisonjeadora, em um parasita guloso; mas dessa composição de homens resultam efeitos sérios e úteis para a nossa vida. Mas,

199

⁹⁸ Trecho não claro, devido talvez a um dano do texto.

Considera ancora un'altra cosa, se tu vuoi vedere la dignità de la tua lingua patria: che i forestieri che scrivano, se prendano alcuno soggetto nuovo, dove non abbino exem-plo di vocaboli imparati da voi, di necessità conviene ch'e' ricorriano in Toscana; o vero, s'e' prendano vocaboli loro, gli spianino e allarghino all'uso toscano, che altrimenti né loro né altri gli approverebbono. E perché e' dicano che tutte le lingue patrie son brutte s'elle non hanno del misto, di modo che veruna²⁰⁹ sarebbe brutta, ma dico ancora che quella che ha di esser mista men bisogno è piú laudabile, e senza dubbio ne ha men bisogno la fiorentina. Dico ancora come si scrivano molte cose che senza scrivere i motti e i termini proprii patrii²¹⁰ non sono belle. Di questa sorte sono le commedie; perché ancora che il fine d'una commedia sia proporre uno specchio d'una vita privata, nondimeno il suo modo del farlo è con certa urbanità e termini che muovino riso, acciò che gli uomini, correndo a quella delectazione, gustino poi l'exemplo utile che vi è sotto. E perciò le persone con chi difficilmente possano essere persone gravi la trattano; perché non può esser gravità in un servo fraudolente, in un vecchio deriso, in un giovane impazzato d'amore, in una puttana lusinghiera, in un parasito goloso; ma ben ne risulta di questa composizione d'uomini effetti gravi e utili alla vita nostra. Ma perché le cose sono trattate ridicolamente, conviene usare termini e motti che faccino questi effetti; i quali termini, se non sono proprii e patrii, dove sieno soli interi e noti, non muovono²¹¹ né posson muovere. Donde nasce che uno che non sia toscano non farà mai questa parte bene, perché se vorrà dire i motti de la patria sua farà una veste rattoppata, facendo una composizione mezza toscana e mezza forestiera; e qui si conoscerebbe che lingua egli avessi imparata, s'ella fusse comune o propria. Ma se non gli vorrà usare, non sappiendo quelli di Toscana, farà una

²⁰⁹ *veruna*: nessuna sarebbe brutta, perché tutte hanno del misto.

²¹⁰ *proprii patrii*: idiomáticos locais.

²¹¹ *non muovono*: non sono eficaci.

como as coisas são tratadas de forma ridícula, é justo usar termos e expressões que produzam esses efeitos; os quais termos, se não são idiomáticos, e pertencentes a uma língua, na qual somente podem ser homogêneos e verdadeiramente integrados, não funcionam, nem podem funcionar. E disso deriva o fato de que ninguém que não seja toscano nunca fará bem esta parte, pois querendo dizer as pilhérias de sua língua dará vida a uma forma remendada, compondo uma obra meio toscana, meio estrangeira; e nesse momento ficaria claro qual língua ele aprendeu, seja ela a comum ou a sua própria. Mas, se ele não quiser usá-la, não conhecendo a língua toscana, ele fará uma coisa defeituosa, sem perfeição alguma. E, como prova disso, eu quero que tu leias uma comédia feita por um dos Ariostos de Ferrara,⁹⁹ e verás uma composição graciosa e um estilo elegante e ordenado; verás um enredo bem organizado e melhor concluído; mas a verás desprovida daquele tempero que busca uma comédia desse tipo, e exatamente pela razão que eu disse antes, porque o autor não gostava dos chistes de Ferrara e não conhecia os de Florença, ao ponto que não os utilizou. Usou expressões da língua comum – e comum ainda, acho eu, por intermediação florentina –, quando disse que um doutor de barrete longo pagaria *doppioni* por uma sua dama.¹⁰⁰ Usou também uma expressão de Ferrara, o que mostra como fica feio misturar a língua de Ferrara com o toscano: em uma cena, dizendo uma personagem não querer falar ali onde houvesse ouvidos a espreita, a faz responder que não falassem onde houvesse *bigonzoni*;¹⁰¹ e um gosto apurado sabe quanto fica ultrajado, lendo ou ouvindo dizer *bigonzoni*. Vê-se facilmente, neste aqui e em muitos outros pontos da peça, com quanta dificuldade ele mantém a dignidade daquela língua que ele remendou.

Portanto, concluindo, eu acho que há muitas coisas que não se podem escrever bem, sem entender bem as coisas próprias e

⁹⁹ Ludovico Ariosto (1474-1533), autor da comédia *I Suppositi*. Essa referência à comédia é importante para a datação do *Diálogo* (ver Prefácio).

¹⁰⁰ *Dobrões*; *I Suppositi*, ato II, cena II.

¹⁰¹ Tipo de *balde* de madeira, *dorna*; *I Suppositi*, ato I, cena I.

cosa manca²¹² e che non arà la perfezione sua. E a provar questo io voglio che tu legga una commedia fatta da uno de gli Ariosti di Ferrara²¹³; e vedrai una gentil composizione e uno stilo ornato e ordinato; vedrai un nodo bene accommodato e meglio sciolto; ma la vedrai priva di quei sali che ricerca una commedia tale, non per altra cagione che per la detta, perché i motti ferraresi non gli piacevano e i fiorentini non sapeva, talmente che gli lasciò stare.

Usonne uno comune, e credo ancora fatto comune per via di Firenze, dicendo che un dottore de la berretta lunga pagherebbe una sua dama di doppioni. Usonne uno proprio, per il quale si vede quanto sta male mescolare il ferrarese con il toscano; che dicendo una di non voler parlare dove fussino orecchie che l'udissimo, le fa rispondere che non parlassino dove [fossero] i bigonzoni, e un gusto purgato sa quanto nel leggere e nell'udire dir *bigonzoni* è offeso. E vedesi facilmente e in questo e in molti altri luoghi con quanta difficoltà egli mantiene il decoro di quella lingua ch'egli ha accattata.

Pertanto io concludo che molte cose sono quelle che non si possono scriver bene senza intenderle le cose proprie e particolari di quella lingua che è piú in prezzo; e volendo li proprii conviene andare alla fonte donde quella lingua ha auto origine, altrimenti si fa una composizione dove una parte non corrisponde a l'altra. E che l'importanza di questa lingua nella quale e tu, Dante, scrivesti, e gli altri che vennero prima e poi di te hanno scritto, sia derivata da Firenze, lo dimostra esser voi stati fiorentini, e nati in una patria che parlava in modo, che si poteva meglio che alcuna altra accommodare a scrivere in versi e in prosa. A che non si potevano accommodare gli altri parlari d'Italia. Perché ciascuno sa come i Provenzali cominciarono a scrivere in versi; di Provenza ne venne quest'uso in Sicilia, e di Sicilia in Italia; e in tra le Provincie d'Italia in Toscana; e di tutta Toscana in

²¹² *manca*: manchevole, difettosa.

²¹³ Allude ai *Suppositi* di L. Ariosto, commedia scritta originariamente in prosa e poi ridotta in versi, rappresentata per la prima volta nel 1509, pubblicata in quello stesso anno o, piú probabilmente, tra il 1510 e il 1512 a Firenze e ristampata nel 1524 a Roma.

particulares daquela língua que tem maior prestígio; e, querendo usar termos e modos locais característicos, é necessário ir até à fonte onde esta língua teve origem; caso contrário, cria-se uma composição em que não há equilíbrio entre as partes. E que a importância dessa língua, na qual tu, Dante, escreveste, e também os outros que vieram antes e depois de ti, tenha se originado em Florença, é demonstrada pelo fato de que todos vós éreis justamente florentinos, e nascidos em uma pátria cuja língua falada era tal, que se podia prestar a ser escrita em versos e em prosa melhor que qualquer outra. Nenhuma outra língua falada da Itália podia prestar-se a tanto. Pois todo mundo sabe como os Provençais começaram a escrever em versos; da Provença, chegou este uso à Sicília, e da Sicília à Itália; e entre as regiões italianas chegou à Toscana; e da Toscana toda a Florença; e isso somente porque a língua florentina era a mais adequada para isso. Porque não por facilidade geográfica, nem por intelecto, nem por alguma outra característica particular, mereceu Florença ser a primeira e produzir estes escritores, mas sim pelo fato de sua língua ser a mais adequada a receber a disciplina da gramática; e isso não valia para as outras cidades. Uma demonstração disso é o fato de que hoje há muitos habitantes de Ferrara, Nápoles, Vicenza¹⁰² e Veneza que escrevem bem e que têm talentos extremamente aptos para escrever; o que eles não podiam fazer antes que tu, Petrarca e Boccaccio tivessem escrito. Pois, para eles chegarem a esse nível, visto que a sua própria língua não os ajudava, era necessário que antes houvesse alguém que com o seu exemplo ensinasse-os como eles poderiam esquecer-se daquela sua natural barbárie, na qual sua própria língua os sufocava.

Minha conclusão, portanto, é a de que não existe uma língua que se possa chamar de comum da Itália ou de curial, pois

¹⁰² Provável alusão a Matteo Maria Boiardo (nascido em Scandiano, perto de Ferrara, em 1441), Jacopo Sannazzaro (nascido em Nápoles em 1456), Gian Giorgio Trissino (nascido em Vicenza em 1478), Pietro Bembo (nascido em Veneza em 1470); todos adversários da tese florentinista (ver Prefácio).

Firenze, non per altro che per esser la lingua piú atta. Perché non per commodità di sito, né per ingegno, né per alcuna altra particolare occasione meritò Firenze esser la prima e procreare questi scrittori, se non per la lingua commoda a prendere simile disciplina; il che non era nell'altre città. E che sia vero, si vede in questi tempi assai Ferraresi, Napoletani, Vicentini e Vineziani che scrivono bene e hanno ingegni attissimi allo scrivere; il che non potevano far prima che tu, il Petrarca e il Boccaccio avessi scritto. Perché, a volere ch'e' venissino a questo grado, disaiutandoli la lingua patria, era necessario ch'e' fussi prima alcuno il quale con lo exemplo suo insegnassi com'egli avessino a dimenticare quella lor naturale barbaria, nella quale la patria lingua li sommergeva.

Concludesi pertanto che non c'è lingua che si possa chiamare o comune d'Italia o curiale, perché tutte quelle che si potessino chiamare così hanno il fondamento loro da gli scrittori fiorentini e dalla lingua fiorentina, alla quale in ogni defetto come a vero fonte e fondamento loro è necessario che ricorriano; e non volendo esser veri pertinaci hanno a confessarla fiorentina [...]

Udito che Dante ebbe queste cose, le confessò vere, e si partí; e io mi restai tutto contento parendomi di averlo sgannato. Non so già s'io mi sgannerò coloro che sono sí poco conoscitori de' beneficii ch'egli hanno auti da la nostra patria, che e' vogliono accomunare con essa lei nella lingua Milano, Vinegia, Romagna, e tutte le bestemmie di Lombardia.

todas que assim poderiam ser chamadas têm seus alicerces nos escritores e na língua florentina, à qual precisam recorrer como à verdadeira fonte e fundamento todas as vezes que sua própria língua se demonstre insuficiente; e não querendo ser realmente teimosos, tem de se admitir ser esta língua a florentina.

Ouvidas essas coisas todas, Dante concordou com elas, e foi embora; e eu fiquei todo feliz, pois me pareceu tê-lo livrado do engano. Mas não sei se assim conseguirei livrar do engano aqueles que conhecem tão pouco os benefícios que receberam de nossa pátria, ao ponto de querer colocar no mesmo plano da língua florentina, a de Milão, a de Veneza, a da Romanha, e todas as blasfêmias da Lombardia.

Tradução: Professora Cecilia Casini
(USP)

Revisão: Professor Sergio Romanelli
(DLLE/PGET-UFSC)

